SÓ CARIOQUICES



por
FRED SOARES
@FREDAOSOARES

Impressões sobre o fim do mundo (agora no dia 17)

Imagem criada pela IA GPT Image 2.5 Sunburst



A notícia chegou ao Rio do jeito que chegam as notícias importantes: num áudio de sete minutos da tia, no grupo da família, entre um "bom dia" e uma corrente de oração. Dia 17 de novembro, terça-feira, o mundo vai apagar. Uns falam em ataque hacker, outros em pane global. Tem quem jure que os Simpsons previram, aquela família amarela com cara de quem pegou sol no Posto 9 sem protetor.

O carioca ouviu tudo com atenção e fez a única pergunta que interessava:

— Vai ser ponto facultativo?

Porque o problema não é o fim do mundo. É a data. Terça-feira, minha gente. Três dias antes do feriado da Consciência Negra, que cai numa sexta. O sujeito passa o ano planejando o feriadão e vem o apocalipse atravessar o samba.

Imaginemo-nos na segunda, véspera do fim. A cidade acorda lamentando, afinal, já não vai ter rolado o feriado dia 15, que caiu num domingo. Em Campo Grande, o primeiro meme circulou antes do café: "Apagão mundial? Isso tem aqui dia sim, dia não." Outro morador gravou vídeo ensinando aos europeus como se vive no escuro. Primeiro você liga pra Light. Depois, reza. No Leblon, a aflição era outra: sem luz, como é que o porteiro vai interfonar? Quanto ao ataque hacker, ninguém se assustou. Hacker que se preze desiste na tela de espera do site do Detran.

O carioca é o único bicho do planeta capaz de marcar um chope para depois do fim do mundo. E chegar atrasado.

Assustada mesmo, só a Rosimeri, a Meri do Méier. Acreditou desde o primeiro áudio e foi ao Guanabara com dois carrinhos e o cunhado. Voltou com cinquenta quilos de arroz, feijão para alimentar uma ala inteira da Mangueira, papel higiênico que dá duas voltas no Maracanã, rádio de pilha, pilha para o rádio e pilha reserva para a pilha. Levou ainda vela de sete dias, sardinha em lata, lanterna, galão de água que dava para lavar a Sapucaí e um apito, que até agora ninguém sabe para quê. Empilhou tudo no quartinho dos fundos e batizou de bunker. O síndico já convocou assembleia extraordinária para decidir se o bunker da Meri é área comum (lá ele!).

Teve quem ligasse pra ex, quem se declarasse pra vizinha do 302 e um único herói, em Olaria, que devolveu, às lágrimas, o pirex da sogra, emprestado desde 2019.

No botequim do Almir, na Tijuca, a malandragem chegou cedo com uma tese jurídica. Se amanhã o mundo acaba, a plaquinha "Fiado só amanhã" perdeu o objeto. Logo, pendura-se hoje. Almir, português de Trás-os-Montes com quarenta anos de balcão, claramente ficou na dúvida. Imaginou que, desta vez, os clientes malandros estariam certos. Na mesa do canto, o debate era se campeonato interrompido por fim do mundo vale título. Cada um defendia o regulamento conforme a posição do seu time na tabela.

Na praia, o ambulante do mate com Biscoito Globo dobrou o preço e explicou: último biscoito da história, freguês, tem que valorizar. No Arpoador, a multidão foi se despedir do sol. Aplaudiu de pé, como sempre, e pediu bis. O sol, carioca também, prometeu voltar amanhã. Sem compromisso.

Na quadra, a ala de compositores fez um samba em quarenta minutos e o carnavalesco anunciou o enredo de 2027 assim mesmo: "O fim do mundo segundo a tradição Nagô". A bateria ensaiou até de madrugada, e o mestre pediu capricho na paradinha. Se é pra ser a última, que o mundo pare junto. A diretoria pediu à Liesa para adiantar o desfile. Pois, se é pra acabar, que o mundo acabe em carnaval.

Na Câmara, os vereadores aprovaram em regime de urgência o ponto facultativo do dia 17. Foi a votação mais rápida da história da Casa.

Lá em cima, o Cristo, de braços abertos desde 1931, ganhou figurinha nova no zap: "Pode vir, que eu já tô em posição."

E a noite caiu. O carioca fez o que faz em toda véspera importante: marcou com os amigos pra depois. "Quarta a gente se encontra no Almir." O carioca é o único bicho do planeta capaz de marcar um chope para depois do fim do mundo. E chegar atrasado.

Agora, se o mundo, teimoso, amanhecer inteirinho no dia 18, o Almir que se prepare. Tem malandro na Tijuca ensaiando a frase desde já:

— Ô, seu Almir! Chegou o amanhã. Pendura aí.